

TAMSYN MUIR

GIDEON

A NONA

SÉRIE DO TÚMULO TRANCAFIADO



TRADUÇÃO DE LAURA POHL



Rio de Janeiro, 2022

DRAMATIS PERSONAE

Em ordem de entrada em cena



A Nona Casa

Guardiões do Túmulo Trancafiado, Casa da Língua Alinhavada, as Virgens Sombrias

Harrowhark Nonagesimus — HERDEIRA DA NONA CASA, REVERENDA FILHA DE DREARBURH

Pelleamena Novenarius — SUA MÃE, REVERENDA MÃE DE DREARBURH

Priamhark Noniusvianus — SEU PAI, REVERENDO PAI DE DREARBURH

Ortus Nigenad — CAVALEIRO PRIMÁRIO DA HERDEIRA

Crux — MARECHAL DA NONA

Aiglamene — CAPITÃ DA GUARDA DA NONA

Irmã Lachrimorta — FREIRA DO TÚMULO TRANCAFIADO

Irmã Aisamorta — FREIRA DO TÚMULO TRANCAFIADO

Irmã Glaurica — FREIRA DO TÚMULO TRANCAFIADO

Alguns seguidores, fiéis e lacaios da Nona

e

Gideon Nav — SERVA PROMETIDA DA NONA CASA



A Primeira Casa

Necromante Divino, Rei das Nove Renovações, Nosso Ressurrecto, o Necrolorde Primordial

O IMPERADOR

SEUS LYCTORES

E OS SACERDÓCIOS DA CASA DE CANAAN



A Segunda Casa

A Força do Imperador, Casa do Escudo Carmesim, a Casa dos Centuriões

Judith Deuteros — HERDEIRA DA SEGUNDA CASA, CAPITÃ DA COORTE

Marta Dyas — CAVALEIRA PRIMÁRIA DA HERDEIRA, PRIMEIRA-TENENTE DA COORTE



A Terceira Casa

A Boca do Imperador, a Procissão, a Casa dos Brilhantes Mortos

Coronabeth Tridentarius — HERDEIRA DA TERCEIRA CASA, PRINCESA SUCESSORA DE IDA

Ianthe Tridentarius — HERDEIRA DA TERCEIRA CASA, PRINCESA DE IDA

Naberius Tern — CAVALEIRO PRIMÁRIO DAS HERDEIRAS, PRÍNCIPE DE IDA



A Quarta Casa

A Esperança do Imperador, a Espada do Imperador

Isaac Tettares — HERDEIRO DA QUARTA CASA, BARÃO DE TISIS

Jeannemary Chatur — CAVALEIRA PRIMÁRIA DO HERDEIRO, VALETE DE TISIS



A Quinta Casa

O Coração do Imperador, os Zeladores do Rio

Abigail Pent — HERDEIRA DA QUINTA CASA, SENHORA DA CORTE KONIORTOS

Magnus Quinn — CAVALEIRO PRIMÁRIO DA HERDEIRA, SENESCAL DA CORTE KONIORTOS



A Sexta Casa

A Razão do Imperador, os Mestres Protetores

Palamedes Sextus — HERDEIRO DA SEXTA CASA, PROTETOR-MESTRE DA BIBLIOTECA

Camilla Hect — CAVALEIRA PRIMÁRIA DO HERDEIRO, A MÃO DIREITA DA BIBLIOTECA



A Sétima Casa

A Alegria do Imperador, a Rosa Imaculada

Dulcinea Septimus — HERDEIRA DA SÉTIMA CASA, DUQUESA DE RHODES

Protesilaus Ebdoma — CAVALEIRO PRIMÁRIO DA HERDEIRA, VALETE DE RHODES



A Oitava Casa

Guardiões da Obra, a Casa do Perdão

Silas Octakiseron — HERDEIRO DA OITAVA CASA, TEMPLÁRIO MESTRE DO VIDRO BRANCO

Colum Asht — CAVALEIRO PRIMÁRIO DO HERDEIRO, TEMPLÁRIO DO VIDRO BRANCO

ATO UM





I

NO ANO PERPÉTUO DO NOSSO SENHOR — o décimo milésimo ano do Rei Eterno, o bondoso Príncipe da Morte! —, Gideon Nav pegou sua espada, seus sapatos, suas revistas de sacanagem e fugiu da Nona Casa.

Ela não correu. Gideon nunca corria, a não ser que precisasse. Cercada pela escuridão absoluta antes do amanhecer, ela escovou os dentes sem nenhuma preocupação, lavou o rosto, e até mesmo varreu o chão da sua cela. Ela sacudiu seu manto preto enorme da igreja e o pendurou no cabide. Tendo feito isso todos os dias por mais de uma década, ela nem sequer precisava da luz para realizar as tarefas. Com o período do equinócio já tão adiantado, nenhuma luz chegaria até ali por meses, de qualquer forma; dava para identificar a estação do ano pelos rangidos no sistema de ventilação. Ela vestiu uma malha de polímero sintético dos pés à cabeça. Penteou o cabelo. Por fim, Gideon assobiou entredentes ao destrancar as algemas de segurança e as deixou educadamente ao lado da chave roubada em cima do seu travesseiro, como um bombom de hotel chique.

Saindo de sua cela e pendurando a mochila em um dos ombros, ela desceu sem pressa os cinco lances de escada até o quarto sem nome nas catacumbas que pertencera à sua mãe. Era um gesto puramente sentimental, já que sua mãe não havia estado lá desde que Gideon era pequena e jamais voltaria. Então veio a longa subida dos 22 lances de escada pela saída dos fundos, sem nenhuma luz que aliviasse a escuridão oleosa, indo na direção do poço de abertura aonde a carona iria chegar: a nave de transporte sairia dali a duas horas.

Ali fora, dava para ver um pouco do céu da Nona. Era um branco macilento onde a atmosfera era mais espessa, e de um azul-marinho leve onde não era. O ponto brilhante que era Dominicus piscou benevolamente pela boca do longo túnel vertical. Na escuridão, ela andou a passos largos para medir o perímetro e pressionou as mãos contra a pedra fria e oleosa das

paredes da caverna. Assim que terminou, ela passou um tempo chutando metodicamente todo resto inócuo de poeira, terra e pedra que havia sido deixado no chão desgastado da plataforma de aterrissagem. Ela cutucou o chão duro com a ponta de aço das botas, mas por fim, satisfeita com a simples impossibilidade de alguém atravessá-lo, deixou quieto. Gideon não deixou de revirar um centímetro que fosse daquele espaço enorme e vazio, e, quando as luzes do gerador acenderam sem ânimo ou convicção, ela percorreu tudo mais duas vezes por alto. Ela subiu nas torres gradeadas de iluminação e também verificou todas elas, cega pela claridade, Tateando atrás das caixas protetoras, reconfortada, de maneira sombria, pelo que não encontrou.

Ela parou ao lado de uma das pilhas de escombros destruídos bem no meio da plataforma. Os holofotes faziam com que qualquer luz natural parecesse fraca. Eles projetavam sombras deformadas de maneira explosiva por todo o lugar. As sombras da Nona eram profundas e deslocadas, frias e da cor de hematomas. Rodeada por tudo isso, Gideon recompensou a si mesma com uma pequena porção de mingau guardado em um saco plástico. O gosto era deliciosamente cinza e horrível.

A manhã começou da mesma forma como todas as manhãs haviam começado na Nona desde o dia em que a Nona foi criada. Gideon deu uma volta pela plataforma de aterrissagem só para mudar o ritmo, chutando sem pensar alguma pedra no caminho. Ela foi para a plataforma de cima e olhou para a caverna central para ver se havia algum sinal de movimento, limpando o mingau dos molares com a ponta da língua. Depois de um tempo, ouviu o barulho distante de esqueletos indo coletar alho-poró nos campos de plantação. Gideon conseguia vê-los em sua mente: um mármore lamacento na escuridão sulfúrica, a colheita caindo sobre o campo; os olhos, uma miríade de pontos vermelhos piscando.

O Primeiro Sino tocou seu chamado barulhento e intratável para começar as rezas, soando como se estivesse sendo empurrado para baixo de um lance de escadas: um *BLE-BLÉM... BLE-BLÉM... BLE-BLÉM...* que a acordara todas as manhãs de que conseguia se lembrar. O chamado resultou em movimento. Gideon olhou para baixo, onde as sombras se aglomeravam nas portas brancas e gélidas do Castelo Drearburh, construídas na terra, esculpidas na pedra com a largura de três corpos e a altura de seis. Braseiros queimavam nos dois lados da porta, liberando perpetuamente uma fumaça

fétida e gordurosa. Em cima das portas havia pequenas figuras brancas em diversas poses, centenas e milhares delas, esculpidas com algum truque bizarro que fazia com que seus olhos estivessem sempre diretamente atentos a quem as observava. Toda vez que Gideon fora obrigada a atravessar essas portas quando criança, ela gritava como se estivesse morrendo.

Mais movimento começava a surgir nos níveis inferiores. A luz havia finalmente se estabilizado para permitir a visibilidade. A Nona começaria a sair de suas celas após a contemplação da manhã, preparada para a oração, e os servos de Drearburh estariam se preparando para o dia que se seguiria. Eles desempenhariam vários rituais insossos e solenes nos níveis abaixo. Gideon arremessou sua sacola vazia de mingau da plataforma e se sentou com a espada apoiada nos joelhos, limpando a lâmina com um trapo: faltavam quarenta minutos.

Repentinamente, o tédio imutável da manhã da Nona mudou. O Primeiro Sino ressoou *novamente*: Gideon inclinou a cabeça para ouvir, e as mãos ficaram imóveis na espada. O sino ressoou por vinte minutos antes de parar. Hm, um chamado geral. Depois de um tempo, veio o tinido dos esqueletos novamente, que largaram suas colheitas e pás para atender ao chamado, com obediência. Eles passaram em filas como uma corrente angular, intercaladas vez ou outra por alguma figura mancando vestida em robes pretos desbotados. Gideon pegou a espada e o trapo novamente: a tentativa era fofa, mas ela não estava convencida.

Ela não olhou para cima quando os passos pesados e insistentes ressoaram na sua plataforma, ou o tilintar de armadura enferrujada e o alarido de respiração oxidante.

— Faz trinta minutos inteiros desde que eu saí, Crux — disse ela, com as mãos ocupadas. — Parece até que você quer que eu vá embora daqui pra sempre. *Aaaaah, merda, você quer isso mesmo.*

— Você solicitou uma nave de transporte de forma ardilosa — reclamou o marechal de Drearburh, cuja maior pretensão à fama vinha do fato de que ele era mais decrépito vivo do que alguns dos moradores que estavam mortos de fato.

Ele parou diante dela na plataforma de aterrissagem e procedeu com indignação:

— Você falsificou documentos. Você roubou uma chave. Você removeu suas algemas. Você desonra esta casa, explora seus recursos, rouba seus mantimentos.

— Qual é, Crux, podemos chegar a um acordo — persuadiu Gideon, girando a espada e olhando de longe para avaliar seu trabalho. — Você me odeia, eu te odeio. Só me deixa ir embora sem brigar e você pode se aposentar em paz. Arranjar um hobby. Escrever sua biografia.

— Você *desonra* esta casa. Você *explora* seus recursos. Você *rouba* seus mantimentos.

Crux amava verbos.

— Finja que a nave explodiu. Eu morri, e foi uma perda terrível. Me dá um desconto, Crux, estou implorando. Eu te dou uma revista em troca. *Peitões Avançados da Quinta*.

Isso fez com que o marechal ficasse momentaneamente espantado demais para responder.

— Está bem, está bem, retiro o que eu disse — continuou ela. — *Peitões Avançados* não é uma revista de verdade.

Crux avançou como uma geleira, determinado. Gideon rolou para trás, escapando do lugar onde estava sentada assim que o punho dele desceu, e ela deslizou para sair do caminho, entre uma nuvem de poeira e cascalho. A espada dela voltou rapidamente para a bainha, e Gideon a abraçou como se fosse uma criança. Ela saltou para trás, para longe da bota dele e de suas mãos enormes. Crux podia estar quase morto, mas sua forma era cartilaginosa e dura, e cada um de seus punhos parecia ter trinta nós nos dedos. Ele era velho, mas era absolutamente apavorante.

— Vai com calma, marechal — disse Gideon, apesar de ser ela que estava fugindo no meio da poeira. — Se avançar um pouco mais, corre o risco de se divertir.

— Você fala tão alto para um *lacaio*, Nav — disse o marechal. — Você fala demais para uma *dívida*. Eu te odeio, mas, ainda assim, você faz parte dos meus bens e inventários. Eu registrei seus pulmões como pulmões pertencentes à Nona. Eu medi o seu estômago como estômago pertencente à Nona. Seu cérebro é uma esponja rasa e murcha, mas ele também pertence à Nona. Venha aqui, e eu te deixarei de olhos roxos e inconsciente.

Gideon deslizou mais para trás, mantendo a distância.

— Crux, ameaças são feitas com “venha aqui, ou...”

— Venha aqui e eu te deixarei de olhos roxos e inconsciente — grunhiu o velho, que avançava —, e então a Senhora disse que você voltará para ela.

Só então as palmas de Gideon realmente coçaram. Ela olhou para o espantalho tão maior que ela, e ele a encarou de volta com apenas um olho, horrível, nefasto. A armadura antiquada parecia apodrecer em seu corpo. Mesmo quando a pele esticada demais e lívida em seu crânio parecia prestes a se desfazer, ele ainda dava a impressão de que não se importava. Gideon suspeitava que (apesar de ele não ter nem um pingão de necromancia), no dia em que morresse, Crux continuaria a viver por pura perversidade.

— Pode me deixar de olhos roxos e inconsciente — disse ela lentamente —, mas sua Senhora pode ir direto pro inferno.

Crux cuspiu nela. Foi nojento, mas tanto faz. A mão dele foi direto para a faca longa que ele mantinha por cima de um ombro em uma bainha carcomida de bolor, que ele desalinhou apenas para mostrar a lâmina fina. Mas, depois dessa, Gideon estava novamente em pé, com a própria bainha na sua frente como se fosse um escudo. Uma mão estava no punho, outra na guarda da bainha. Os dois se encararam em um impasse, ela imóvel, e a respiração do velho molhada e barulhenta.

Gideon disse:

— Não cometa o erro de sacar a faca na minha frente.

— Você não é tão boa com essa espada quanto pensa que é, Gideon Nav — disse o marechal de Drearburh. — Um dia, eu te esfolarei viva por desrespeito. Um dia, usarei sua pele como papel. Um dia, as irmãs do Túmulo Trancafiado vão esfregar os ossos com suas cerdas. Um dia, seu esqueleto obediente vai desempoeirar todos os lugares do qual desdenha, e polir as pedras com sua gordura. Há um chamado, Nav, e eu te ordeno a obedecê-lo.

Gideon perdeu a calma.

— Você que vá, seu velho cão morto, e a avise que eu já fui embora.

Para a enorme surpresa de Gideon, ele se voltou nos calcanhares e marchou de volta para a plataforma escura e escorregadia. Crux praguejou e queixou-se o caminho todo, e ela disse a si mesma que havia ganhado antes mesmo de acordar naquela manhã; que Crux era apenas um símbolo impotente de autoridade, uma última tentativa para testar se ela era burra ou covarde o suficiente para voltar para detrás das barras gélidas de sua prisão.

O coração cinzento e pútrido de Drearburh. O coração ainda mais cinzento e mais pútrido de sua senhora.

Ela tirou o relógio do bolso e olhou: faltavam uns vinte minutos, um pouco menos até. Gideon estaria livre. Gideon iria embora. Nada nem ninguém poderia mudar isso agora.



— Crux está fazendo sua caveira para qualquer um que queira ouvir — disse uma voz vinda da entrada, com quinze minutos faltando. — Ele falou que você despiu sua lâmina na presença dele. E que ofereceu a ele pornografia indecentes.

As palmas de Gideon coçaram de novo. Ela havia sentado de volta em seu trono improvisado de pedras e estava com o relógio equilibrado entre os joelhos, olhando para o ponteiro mecânico que contava os minutos.

— Eu não sou assim tão idiota, Aiglamene — disse ela. — Se eu ameaçar um oficial da casa, não iam me botar nem pra esfregar banheiro na Coorte.

— E a pornografia?

— Eu de fato ofereci uma obra espetacular de natureza desbundante, e ele se ofendeu — disse Gideon. — Foi um momento perfeito. Mas a Coorte não liga pra isso. Eu já falei da Coorte? Você conhece a Coorte, né? A Coorte para a qual eu fui embora para me alistar... *33 vezes?*

— Me poupe do drama, sua chorona — disse sua mestre das espadas. — Eu conheço seus anseios.

Aiglamene se arrastou para a luz fraca da plataforma. A capitã da guarda da Casa tinha uma coleção de cicatrizes derretidas na cabeça e uma perna faltando, que um adepto de ossos talentoso e indiferente havia substituído para ela. Curvava-se horrivelmente, o que lhe dava a aparência de um prédio cujos pilares haviam sido cimentados de modo apressado. Ela era mais jovem do que Crux, o que significava que ainda assim era mais velha que Matusalém; mas contava com uma certa rapidez, uma vivacidade que parecia limpa. O marechal era um Nono clássico, apodrecido até os ossos.

— Trinta e três vezes — repetiu Gideon, parecendo cansada.

Ela olhou para o relógio novamente. Quatorze minutos.

— Da última vez, ela me trancou no elevador. Antes disso, desligou o aquecimento, e três dedos dos meus pés gangrenaram. Na vez anterior a essa, ela envenenou minha comida e eu caguei sangue por um mês. E eu lá preciso continuar?

A sua professora não se comoveu.

— Não houve desonra aí. Você não pediu a permissão dela.

— Eu posso me alistar no exército, Capitã. Eu sou uma serva prometida, mas não uma escrava. Não tenho nenhuma utilidade pra ela aqui.

— Esta não é a questão. Você escolheu um péssimo dia para fugir.

Aiglamene indicou para baixo com a cabeça.

— Há assuntos da Casa, e te querem lá embaixo — explicou.

— Isso é ela sendo ridícula e desesperada — disse Gideon. — Essa é a obsessão dela... a necessidade de ter controle de tudo. Não tem nada que ela possa fazer. Vou ficar de cabeça baixa. Vou ficar quietinha. Eu vou até, olha, você pode escrever isso, pode repassar palavra por palavra, *fazer meu dever* com relação à Nona Casa. Mas não adianta fingir, Aiglamene, que, no momento que eu descer lá, não vão enfiar um saco na minha cabeça, e que eu não vou passar as próximas cinco semanas num ossário com uma lesão cerebral.

— Seu feto egocêntrico, você acha que a nossa Senhora fez um chamado só por sua causa?

— Aí é que está, a sua Senhora botaria fogo no Túmulo Trancafiado se isso significasse que eu nunca mais pudesse ver o céu — disse Gideon, olhando para cima. — Sua Senhora iria comer um bebê sem nenhum tempero se ela conseguisse me trancafiar pra sempre. Sua Senhora jogaria cocôs flamejantes nas tias-avós dela se ela achasse que isso acabaria com o meu dia. Sua Senhora é a maior filha da p...

Quando Aiglamene deu um tapa na sua cara, não tinha nada do ultraje estremecido de Crux. Ela simplesmente deu um tapa com as costas da mão na cara de Gideon como quem pune um animal que late. A cabeça de Gideon latejou de dor.

— Você esquece seu lugar, Gideon Nav — disse sua professora, objetiva. — Você não é uma escrava, mas você servirá à Nona Casa até o dia em que morrer e, então, você a servirá depois disso, e não cometerá o pecado da

perfidia diante de *mim*. O sino era real. Você virá ao chamado por vontade própria ou vai me desonrar?

Houve um tempo em que Gideon fizera muitas coisas para evitar desonrar Aiglamene. Era fácil ser uma desonra no vácuo, mas ela ainda tinha afeição pela velha soldada. Ninguém a havia amado na Nona Casa, e Aiglamene certamente não a amava, e essa ideia finalmente a mataria de tanto rir; mas Aiglamene a tolerara até certo ponto, demonstrava uma vontade de soltar um pouco a coleira e ver o que Gideon faria sozinha. Gideon amava essa liberdade. Aiglamene havia convencido a Casa a colocar uma espada nas mãos de Gideon em vez de desperdiçá-la em um altar servil ou limpando o ossário. Aiglamene tinha sua fé. Gideon encarou seus pés, esfregou a boca com as costas da mão, e viu o sangue na saliva e notou sua espada; ela amava tanto aquela espada que poderia até se casar com ela.

Só que ela também viu o ponteiro do relógio de minutos avançar. Doze minutos. Não dava para ser livre sendo sentimental. Apesar de toda sua fragilidade embolorada, a Nona era dura como ferro.

— Acho que vou te desonrar — admitiu Gideon facilmente. — Acho que nasci pra isso. Sou humilhante por natureza.

A mestre de espadas sustentou seu olhar com o rosto de águia velha e o soquete frouxo do olho, extremamente soturna, mas Gideon não desviou o olhar. Seria mais fácil se Aiglamene desse uma de Crux e a xingasse com veemência, mas tudo o que disse foi:

— Você sempre foi uma aluna exemplar, mas ainda não compreendeu. Suponho que seja minha culpa. Quanto mais você se debater contra a Nona, Nav, mais pro fundo ela vai te levar; quanto mais alto você insultá-la, mais alto ela fará você gritar.

Com as costas retas como um espeto, Aiglamene foi embora com passinhos serrilhados, e Gideon sentiu como se houvesse zerado uma prova. Não importava, ela disse a si mesma. Dois já se foram, não restava nenhum. Onze minutos até a aterrissagem, o relógio avisou, onze minutos e ela estaria livre. Era a única coisa que importava. A única coisa que importava desde que uma Gideon muito mais jovem havia percebido que, a não ser que tomasse medidas drásticas, ela morreria naquela escuridão.

E, pior de tudo, isso seria apenas o *começo*.



Nav era um nome da Nona, mas Gideon não sabia onde ela nascera. O planeta remoto e irascível onde vivia era tanto o lar da fortaleza de sua Casa como de uma pequena prisão, usada apenas para criminosos cujos crimes eram repugnantes demais para que suas Casas os reabilitassem em seu próprio terreno. Ela nunca havia visto a prisão. A Nona Casa era um enorme buraco incrustado verticalmente no núcleo do planeta, e a prisão era uma acomodação isolada pouco acima da atmosfera onde as condições de vida eram provavelmente muito mais piedosas.

Dezoito anos antes, a mãe de Gideon havia caído de paraquedas pelo túnel, usando um traje antirradiação surrado, como uma mariposa que flutuava lentamente para a escuridão. O traje ficou sem bateria por alguns minutos. A mulher aterrissou já morta. Todo o poder da bateria havia sido sugado por um contêiner biológico acoplado ao traje, do tipo que seria usado para carregar um órgão para transplante, e dentro desse contêiner estava Gideon, com apenas um dia de idade.

Tudo isso era obviamente misterioso para caralho. Gideon havia passado toda sua vida examinando os fatos. A mulher deve ter ficado sem bateria uma hora antes de aterrissar; era impossível que ela tivesse conseguido atravessar a linha gravitacional de um salto acima do planeta, ou o traje simples teria explodido. A prisão, que registrava todas as entradas e saídas obsessivamente, negara que uma prisioneira houvesse escapado. Algumas das noviças do Túmulo Trancafiado foram chamadas, aquelas que sabiam os segredos para aprisionar fantasmas. Até mesmo elas — já seguras do seu poder, necromantes experientes da poderosa e sombria Nona Casa — não conseguiram conjurar o fantasma de volta para que se explicasse. Ela não fora tentada nem por sangue novo ou velho. Ela já estava muito além da vida quando as freiras exaustas a amarraram a força, como se a morte fosse apenas um catalisador para que a mulher fugisse, e conseguiram arrancar apenas uma palavra. Ela havia gritado “Gideon! Gideon! Gideon!” três vezes, e então desaparecera.

Se a Nona — a enigmática, sinistra Nona, a Casa da Língua Alinhavada, a Casa do Anacoreta, a Casa dos Segredos Hereges — estava perplexa em se deparar com uma criança, ainda assim se mexeram rápido. Em tem-

pos passados, a Nona havia preenchido seus corredores com os penitentes das outras casas, místicos e peregrinos que consideravam o chamado dessa sombria ordem mais atraente do que aqueles que eram seus por direito de nascença. Na regra antiquada desses suplicantes que perambulavam entre as oito grandes Casas, ela foi considerada uma serva, não *da* Nona, mas comprometida a ela: qual dívida acumulada seria maior do que esta, que era crescer ali? Qual posição traria mais honra do que a de súdita de Drearburh? Deixem que o bebê cresça como postulante. Encorajem a criança a ser uma devota. Eles a marcaram, deram-lhe um sobrenome e a enfiaram na creche. Naqueles tempos, a pequena Nona Casa se vangloriava de ter duzentas crianças, desde a infância até dezenove anos de idade, e Gideon tornou-se a ducentésima primeira.

Menos de dois anos depois, Gideon Nav era uma das três únicas crianças que restaram: ela mesma, um garoto muito mais velho, e a jovem herdeira da Nona Casa, filha do seu senhor e senhora. Eles sabiam que ela não era necromante desde que tinha cinco anos e suspeitaram desde os oito que ela jamais seria freira. Certamente, aos dez anos, sabiam que ela sabia demais, e que ela jamais poderia ir embora.

Os apelos de Gideon para a bondade alheia, recompensas financeiras, obrigações morais, planos complexos e tentativas simples de fuga já chegavam a 86 quando ela fez dezoito anos. Ela começou quando tinha quatro.